



EXPRESSO	20. 01. 1979	AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

Maria de Lurdes Pintasilgo responde a 20 das 50 perguntas do EXPRESSO

“Grande ausência de rigor nos nossos órgãos de comunicação social”

11 — No Iraque, em Dezembro?

EXP. — Tenciona efectuar brevemente outras deslocações oficiais ao estrangeiro? Se sim, quais?

M.L.P. — Fui convidada pelo governo do Iraque a visitar oficialmente aquele País, durante o mês de Dezembro. Considero em aberto a decisão a tomar quanto a esta viagem, cuja utilidade para Portugal é manifesta, dada a importância das relações entre os dois países.

12 — Oásis de eficiência na máquina administrativa...

EXP. — Quais os principais “handicaps” positivos e negativos que encontrou na Administração Pública portuguesa como Primeiro-Ministro?

M.L.P. — Não tive surpresas nessa matéria. A minha experiência, enquanto representante de Portugal junto da UNESCO, permitiu-me conhecer de perto a “máquina” administrativa e identificar os nós de estrangulamento e os oásis de eficiência que ele contém.

Enquanto chefe do Governo, não posso deixar de afirmar, como o fizera já noutras situações, em 1972 e 1974 — que é impossível qualquer transformação política sem uma renovação profunda das estruturas e metodologias da administração pública.

13 — Até à instalação da Assembleia

EXP. — Tenciona apresentar o seu pedido de exoneração ao Presidente da República logo após o apuramento dos resultados das eleições intercalares?

M.L.P. — Só considero o meu mandato terminado quando a Assembleia estiver instalada.

14 — Pluralista e coeso, pragmático e idealista

EXP. — Defina, em poucas palavras, o seu Governo.

M.L.P. — Em termos de composição, considero que o meu

Governo é uma equipa simultaneamente pluralista e coesa, pragmática e idealista.

Em termos de projecto, estou convencida de que o Programa do V Governo contém muitos elementos inovadores que poderiam, a mais longo prazo, trazer à sociedade portuguesa certas mudanças qualitativas necessárias. Reconheço, no entanto, que se trata de um programa limitado, dada a conjuntura em que se inscreve, o que faz que, de modo algum, ele esgote o projecto que lhe está subjacente.

15 — Até ao Natal em Oeiras, numa equipa do Graal

EXP. — Vive habitualmente em S. Bento desde que é Primeiro-Ministro? Se não, onde e com quem vive?

M.L.P. — Passo a maior parte do meu tempo em S. Bento, mas estou a residir em Oeiras, onde conto ficar até ao Natal.

Vivo, como habitualmente, numa equipa do Graal. A partir dessa equipa, estou permanentemente em contacto com uma encruzilhada de pessoas de diferentes idades, experiências e culturas.

16 — Trabalhar com todos os ministros

EXP. — Quais os membros do Governo com quem trabalha com mais frequência fora do Conselho de Ministros?

M.L.P. — Num Governo de curta duração, como este, não considero método acertado estabelecer ritmos regulares de trabalho com os Ministros.

Tenho trabalhado com todos, individualmente ou nas respectivas áreas de coordenação.

A quantificação das sessões de trabalho não é o mais importante.

17 — Sem calendário à distância

EXP. — Quais as próximas deslocações dentro de Portugal, que tem planeadas? Qual o critério de escolha?

M.L.P. — Faço o plano das deslocações de acordo com factores múltiplos, o que torna difícil estabelecer um calendário à distância. Os critérios são, sobretudo, o da resposta a necessidades básicas da população e o da possibilidade de tomar, “in loco”, decisões que desbloqueiem problemas acumulados.

Para além disso, as visitas, são verdadeiras sessões de trabalho, que têm como intenção pôr em prática uma forma de governação baseada na comunicação directa e na participação das populações nas decisões que lhes dizem respeito. Isso, só por si, contribui para desmistificar a função governativa, tornando-a mais próxima e mais exigente.

18 — Extremamente crítica sobre a informação portuguesa

EXP. — Vê a RTP, ouve a RDP e lê os jornais todos os dias? Se sim, considera genericamente positivo ou negativo o nível da RDP, RTP e da nossa Imprensa?

M.L.P. — Ouço pouco o rádio, mas procuro não perder os noticiários da televisão. Sigo também a Imprensa diária tão regularmente quanto possível.

Quanto ao meu juízo sobre o conteúdo da informação, sou, como sabe, extremamente crítica. Verifica-se na maioria dos nossos órgãos de Comunicação Social uma grande ausência de rigor na forma como as notícias são dadas. Nos jornais, não se distingue, por exemplo, com facilidade a crónica da reportagem, o artigo de informação do artigo de opinião, o ensaio, do comentário de ocasião. Os vários tipos de notícias apresentam-se com contornos muito diluídos, o que dificulta a compreensão. Julgo que esses problemas só se resolverão com uma formação profissional.

Espero que ainda durante o V Governo se possa discutir com os representantes dos órgãos de Comunicação e com os dirigentes sindicais correspondentes, as formas como os profissionais de informação poderão beneficiar de uma formação profissional acelerada e actualizada.

19 — Ministro da Comunicação Social — uma etapa a ultrapassar rapidamente

EXP. — Como explica a existência de um ministro da Comunicação Social num regime democrático, por definição não ditatorial, não controlador da Informação, mesmo a estatizada?

M.L.P. — Considero-a como uma etapa transitória, correspondente à existência de muitos órgãos de Informação estatizados. Julgo que, no nosso país, essa etapa será rapidamente ultrapassada.

20 — Sim, mas ou não, mas?

EXP. — O que pensa do EXPRESSO?

M.L.P. — Enquanto jornal de uma determinada classe política, interessada na circulação interna da sua própria informação, julgo que o “Expresso”, cumpre, jornalisticamente, a sua missão.

Enquanto jornal que vi nascer ao serviço de um projecto de jornalismo novo no nosso país, orientado para uma informação tão ampla e tão rigorosa quanto possível, não posso deixar de confessar que o “Expresso” em muitas ocasiões me tem desiludido.

Fundação Cuidar o Futuro